

Médicos na Síria: salvando os salva-vidas

Faheem Ahmed *

The Lancet, Volume 382, Issue 9905, Page 1619, 16 November 2013

Tradução C.Alte (MdRM1) Carlos Edson Martins da Silva

Link para o original em inglês - [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(13\)62248-5/fulltext?elsca1=ETOC-LANCET&elsca2=email&elsca3=E24A35F](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(13)62248-5/fulltext?elsca1=ETOC-LANCET&elsca2=email&elsca3=E24A35F)

Em uma recente carta aberta, líderes médicos conclamaram ao apoio aos colegas da Síria, que foram deliberadamente tomados como alvo e forçados a fugir da região. Com mais da metade de todos os hospitais na Síria danificados ou destruídos, clínicas improvisadas apoiadas por agências de ajuda internacional são importantes meios de prestação de cuidados em algumas áreas. Isto levanta uma importante questão: deveríamos fazer mais para ajudar os profissionais de saúde na linha de frente?

A ausência de equipes médicas leva ao risco de colocar de joelhos o sistema de saúde da Síria. Para ajudar a preencher esse vazio, organizações como o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e Médicos Sem Fronteiras (MSF) tem centenas de médicos trabalhando atualmente no território e no entorno da Síria, e pedem maior apoio e proteção ao seu pessoal.

Na Somália o MSF recentemente foi forçado a se retirar devido a ataques a funcionários e hospitais. No entanto, tais decisões não são facilmente tomadas pela razão de que milhares de pessoas ficarão vulneráveis à doença e morte na ausência de cuidados médicos com o inverno que se aproxima. Precárias práticas de controle de infecção e interrupção dos programas de controle de doenças são comuns em conflito, e na Síria, isto provocou a ameaça de um surto de poliomielite. A OMS relatou uma taxa de cobertura de vacina de apenas 46% em 2012 naquele país.

Isa Abdur Rahman era um jovem médico britânico que morreu tragicamente em um hospital de campo na Síria em junho deste ano. Seu sacrifício nos lembra que os médicos se comprometeram a consagrar suas vidas para o "serviço da humanidade" e ajudar aos colegas que são "irmãos e irmãs". O destino do Dr Rahman e de outras vítimas entre os trabalhadores de saúde na Síria fornece uma poderosa resposta para a pergunta sobre o posicionamento da comunidade médica internacional em tempos de conflito. Para que nos dediquemos ativamente ao apoio à programas de ajuda humanitária deve ser um forte o apelo para que os médicos possam prestar serviços em áreas de conflito de forma desimpedida e sem risco para as próprias vidas. Isto só pode ser alcançado pela maior pressão internacional, supervisão e proteção militar de instalações médicas a fim de defender o princípio fundamental, mas esquecido da neutralidade médica.

* School of Medicine, King's College London, London SE1 1UL, UK